Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá

# Macaqueiro

Ano XVII | Nº 78 | Jul/Dez de 2017 | Tefé (AM) | Brasil | ISSN 2317-4587

# PELOS MANGUEZAIS DO PARÁ

## Com apoio do Instituto Mamirauá, técnicos são capacitados para disseminar método de transporte sustentável do caranguejo-uçá

© Fernando Sette

NESTA EDIÇÃO


**CURTAS**
Entre os destaques, saiba como foram os eventos que o Instituto Mamirauá realizou em Manaus e participou no Rio de Janeiro
**03**

**PRODUÇÃO**
Conheça algumas das últimas produções técnicas e científicas do Instituto Mamirauá
**04**

**OPINIÃO**
Em pauta: a gestão sustentável da cadeia produtiva do caranguejo-uçá
**05**

**NOTÍCIA**
Quer seguir um método de manejo sustentável? Utilize um protocolo
**06 e 07**

**REPORTAGEM ESPECIAL**
Pelos manguezais do Pará
**08 a 12**

**ENTREVISTA**
Desvendando a biodiversidade das unidades de conservação da Amazônia
**13**

**EM CAMPO**
Tem lama no campo
**14**

**MEMÓRIA**
Cultivando memórias
**15**

**FOTOGRAFIA**
**O manguezal**
**16**


EXPEDIENTE


O Macaqueiro é uma publicação do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, organização social e unidade de pesquisa fomentada e supervisionada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Distribuição gratuita. Jornalista responsável: Eunice Venturi (SC01964-JP). Edição: João Cunha. Revisão: Ana Paula Martins. Projeto Gráfico: Doizum Comunicações. Impressão: Gráfica Ampla. Tiragem: 1.100 exemplares. Contatos: Estrada do Bexiga, 2.584. Cx. Postal: 38 - Bairro: Fonte Boa - CEP: 69.553-225. Tefé (AM) / Tel.+55 (97) 3343-9780 – ascom@mamiraua.org.br – www.mamiraua.org.br.


# Uma viagem aos manguezais do Pará

Esta edição da revista "O Macaqueiro" é resultado de uma viagem ao litoral do Pará, onde o Instituto Mamirauá apoia iniciativas sustentáveis para melhorar a cadeia produtiva do caranguejo. No pacato município de São João da Ponta, emancipado em 1995 do vizinho São Caetano de Odivelas, a Secretaria Estadual de Desenvolvimento Agropecuário e de Pesca (Sedap-PA) capacitou técnicos da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará (Emater).

Foi a primeira edição do curso "Boas Práticas sobre o Manejo de Caranguejo-uçá: o método de embalagem para o transporte sustentável", realizado de 22 a 27 de outubro. Ao longo desta edição, você pode conferir o grande diferencial da capacitação: foi ministrada quase que em sua totalidade pelos pescadores. Por esse motivo, também é destaque em outras seções de "O Macaqueiro", além da reportagem especial recheada de belas imagens, da cultura e da gastronomia da região.

A seção "Memória" está com gosto de farinha de mandioca. Vamos viajar 12 anos no passado para relembrar o início do trabalho de incentivo à agricultura familiar nas Reservas Mamirauá e Amanã, no Amazonas, com a produção de farinha. Está de dar água na boca.

E como estivemos no "mangual", a seção "Em campo" não poderia ter outro relato que não seja a experiência de sujar os pés com a lama no manguezal. Uma experiência que deixou todos com mais conhecimento sobre essa importante atividade.

Boa leitura!

Eunice Venturi
*Jornalista do Instituto Mamirauá*

## Acervo ampliado

A Biblioteca Henry Walter Bates, do Instituto Mamirauá, recebeu uma doação de mais de 1.400 livros. As obras foram doadas por Michael Goulding e faziam parte do acervo pessoal do pesquisador. Entre elas, estão alguns exemplares raros, tais como primeiras edições de livros do século passado. De acordo com Graciete Rolim, bibliotecária do Instituto Mamirauá, entre as obras cedidas por Goulding, estão 70 livros muito bem conservados do século XIX. "São livros riquíssimos, principalmente historicamente. Um deles é a primeira edição do livro The naturalist on the river Amazon, de Henry W. Bates".

© Laís Maia

## Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

O Instituto Mamirauá participa, anualmente, da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, promovida pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações em todo o País. Em 2017, o evento realizado em Tefé, de 25 a 27 de outubro, recebeu mais de 2.200 pessoas, que puderam conhecer as pesquisas desenvolvidas pelo Instituto Mamirauá e as atividades voltadas ao manejo de recursos naturais e ao desenvolvimento social. Paralelamente, também aconteceu a Feira de Tecnologias Sociais – Qualidade de vida na Amazônia, com patrocínio da Fundação Banco do Brasil. Além de expositores de outras regiões do Amazonas, foram promovidas oficinas temáticas por técnicos do Instituto Mamirauá.

© Laís Maia

## Diálogos em Educação Ambiental Comunitária

O Instituto Mamirauá promoveu, em Manaus, o evento "Diálogos em Educação Ambiental Comunitária", entre os dias 9 e 11 de outubro, no Les Artistes Café Teatro. O encontro contou com a participação de cerca de 100 pessoas. Durante três dias, as discussões sobre educação ambiental abordaram as metodologias usadas pelo Instituto Mamirauá em escolas do interior. "Sair de Tefé e conversar com outras pessoas, que se mostraram muito curiosas sobre o trabalho do instituto, foi muito válido", avaliou Cláudia Santos, do Programa de Gestão Comunitária do Instituto Mamirauá, uma das organizadas do evento, que teve o financiamento do Fundo Amazônia.

© Aline Fidelix

## No Museu do Amanhã

O Instituto Mamirauá participou da mesa-redonda "É preciso valorizar a tecnologia social", parte do "Seminário Inovanças – a inovação feita no Brasil", promovido pelo Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro (RJ). O evento aconteceu no dia 16 de agosto, quando a coordenadora do Programa Qualidade de Vida, Dávila Correa, apresentou a experiência com o desenvolvimento de projetos de tecnologias sociais voltados para melhoria da qualidade de água e oferta de energia para populações isoladas da Amazônia. Uma das iniciativas mostradas foi o sistema de abastecimento de água, além do projeto "Gelo Solar", que está em exposição no Museu do Amanhã.

© Guilherme Leporace

# Conheça algumas das publicações recentes do Instituto Mamirauá.

## Tecnologia Social

Falta de luz, de água potável, poucas horas de energia elétrica por dia e impossibilidade de congelar alimentos para conservação. Essa é a realidade para milhares de moradores de comunidades ribeirinhas, distantes de centros urbanos. Pensando em soluções para esses problemas, o Instituto Mamirauá desenvolve tecnologias sociais que ganharam mais um meio de serem compartilhadas com a cartilha "Usos de Sistemas Energéticos com Fontes Renováveis em Regiões Isoladas". A publicação é uma iniciativa do WWF-Brasil em parceria com o Instituto Mamirauá, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), o Conselho Nacional das Populações Extrativistas, a Usinazul e a Universidade de São Paulo (USP). A publicação está disponível para *download* gratuito. Veja em: *www.mamiraua.org.br/cartilha-tecnologias-wwf.*

## Relatório de Novas Espécies na Amazônia

Uma nova espécie registrada a cada dois dias, num total de 381 espécies de plantas e animais registradas pela ciência, entre 2014 e 2015. Boa parte delas descobertas em áreas protegidas ou nos seus entornos. Essas são algumas das conclusões do relatório "Atualização e Composição da lista Novas espécies de Vertebrados e Plantas na Amazônia (2014-2015)", lançado em agosto pelo Instituto Mamirauá e pelo WWF-Brasil. O documento traz o levantamento das espécies da Amazônia descritas por pesquisadores de várias partes do Brasil e do exterior. São 216 novas espécies de plantas, 93 de peixes, 32 de anfíbios, 19 de répteis, uma ave, 18 mamíferos e dois mamíferos fósseis. Acesse gratuitamente em: *www.mamiraua.org.br/relatorionovasespecies.*

## Protagonistas: relatos de conservação do Oeste da Amazônia

O Instituto Mamirauá lançou, em julho, o livro "Protagonistas: relatos de conservação do Oeste da Amazônia", durante a EXPOT&C, exposição realizada anualmente pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), na 69ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Belo Horizonte (MG). O livro, com 176 páginas, tem o objetivo de divulgar práticas sustentáveis de conservação de recursos naturais, desenvolvidas pelo Instituto Mamirauá, financiadas pelo Fundo Amazônia. Disponível para download em: *mamiraua.org.br/protagonistas.*

## Macaqueiro Kids – A onça-pintada

Todo mundo já ouviu falar da onça-pintada, a rainha das florestas brasileiras. Agora, as crianças vão poder conhecer mais a fundo o maior felino do continente americano em "O Macaqueiro Kids – Onça-pintada". O informativo, dedicado ao público infantil, traz informações textos, imagens e um jogo especial sobre esse fascinante animal. A publicação foi produzida com recursos da Fundação *Gordon and Betty Moore.*

A versão digital de "O Macaqueiro Kids – Onça-pintada" já está disponível para download em: *http://www.mamiraua.org.br/omacaqueirokids77.*

Para conhecer essas e outras publicações, acesse o site do Instituto Mamirauá em: ***www.mamiraua.org.br***

**Boa Leitura!**

# Em pauta: Gestão sustentável da cadeia produtiva do caranguejo-uçá

O estado do Pará possui 144 municípios, e 12 deles contêm, em seus territórios, unidades de conservação federal na categoria Reservas Extrativistas (Resex) Marinhas. Nesses locais, habitam mais de 34 mil famílias, que vivem do uso dos recursos pesqueiros do mangue. Trata-se de um berçário natural e abrigo para mais de 50 peixes comercializáveis, além de diversos organismos aquáticos.

As populações costeiras de oito das 12 Resex do litoral do Pará, em sua maioria, vivem da extração do caranguejo-uçá. São cerca de sete mil caranguejeiros efetivos, que se deslocam, no mínimo, três vezes por semana para efetuar os trabalhos no mangue, possibilitando a comercialização de milhões de unidades por ano.

Segundo dados apurados no defeso da espécie e organizados por instituições como Ibama, ICMBio e Sedap, estima-se entre 15 e 18 milhões de unidades comercializadas ao longo do ano. Com tantos atores sociais envolvidos, agentes e instituições de direito público e privado atuando no contexto do mangue, faz-se necessário construir de maneira coletiva um protocolo de gestão que dialogue com a vontade das populações tradicionais e perpasse por eixos essenciais.

As questões a serem consideradas são ordenamento das técnicas de capturas, política pública que trate do preço mínimo de comercialização, documentação do caranguejeiro (RGP), legalização do transportador de aquáticos vivos (atravessadores), debate sobre gênero na pesca, escala na disseminação do uso das basquetas no armazenamento e transporte para fins de diminuir a mortalidade, alternativas para o uso do óleo diesel pelos pescadores como repelente, difusão do uso de equipamentos de segurança (EPI´s), diálogo sobre um espaço em Belém que seja um entreposto para o armazenamento e a comercialização do produto, fixação de um calendário anual para a venda do produto, modelos adotados de gestão para o uso sustentável do recurso caranguejo-uçá (Andada x Defeso). Por fim, é necessário criar o protocolo mínimo de monitoramento comunitário participativo voltado para o caranguejo-uçá.

© Fernando Sette

> Faz-se necessário construir de maneira coletiva um protocolo de gestão que dialogue com a vontade das populações tradicionais e perpasse por eixos essenciais como o ordenamento das técnicas de capturas.

Patrick Heleno dos Santos Passos
SOCIÓLOGO
SEPAQ - PA

Pesquisas científicas, sobre biologia e ecologia dos animais, já demonstraram que o manejo comunitário de jacarés é viável na região

© Eunice Venturi

# MANEJO SUSTENTÁVEL DE JACARÉS MAIS PRÓXIMO DA REALIDADE NO AMAZONAS

## Primeira estrutura flutuante é desenvolvida para a atividade

**Por Amanda Lelis**

Embora o manejo participativo de jacarés possua autorização legal, ainda é uma atividade pouco desenvolvida por populações tradicionais e há muito a ser desenvolvido em relação às metodologias e técnicas para a sustentabilidade da atividade. Exemplo disso é que ainda não existe um modelo padrão de estrutura flutuante para o abate do animal, embora a legislação que autoriza e estabelece regras para o manejo esteja em vigor há mais de cinco anos. Visando solucionar tal lacuna, o Instituto Mamirauá está criando a Planta de Abate Remoto (Plantar), que será uma estrutura piloto para o desenvolvimento do manejo participativo de jacarés.

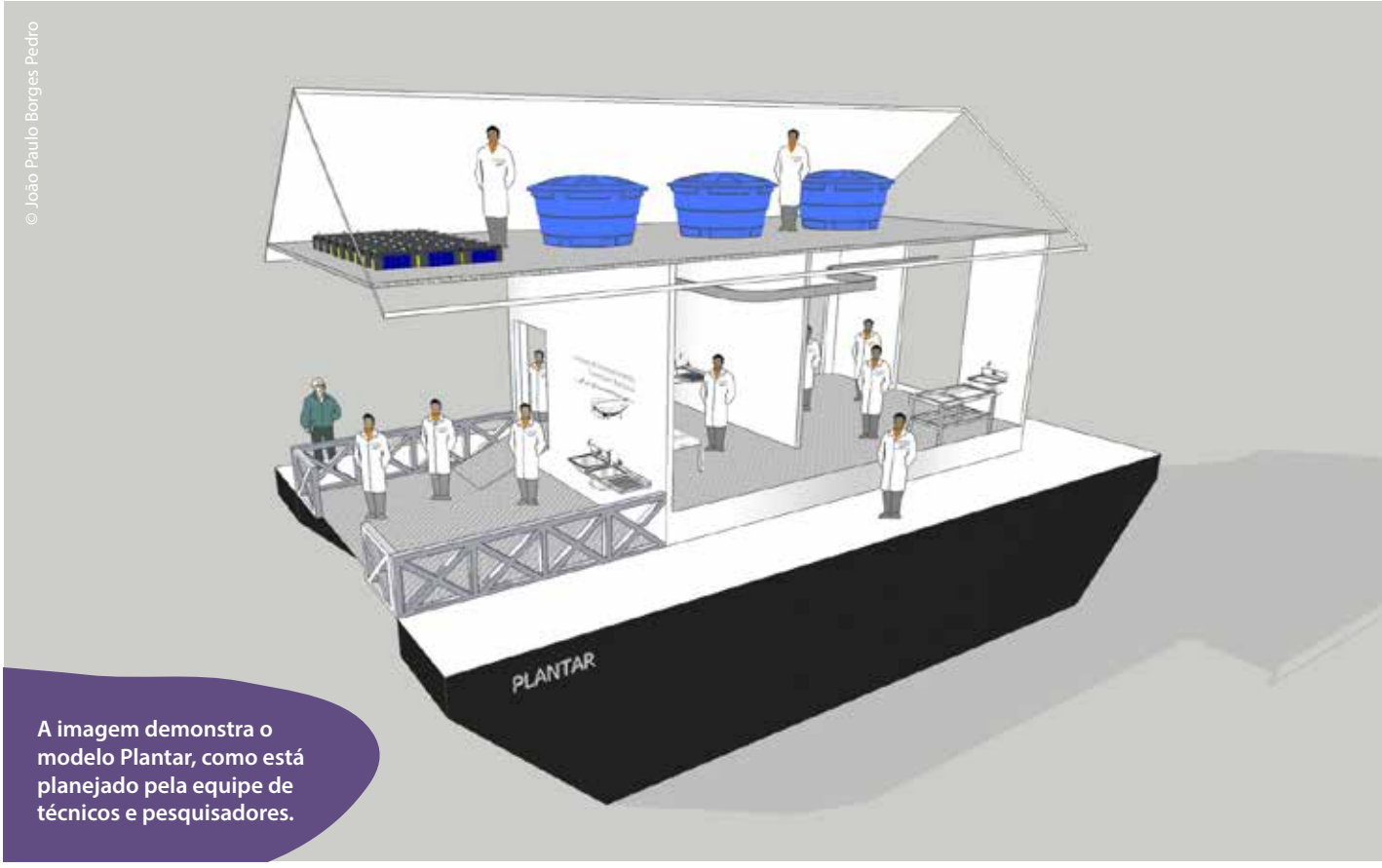
A proposta é que a Plantar possa servir de modelo para esse tipo de atividade, em acordo com as legislações vigentes e às exigências higiênicas e sanitárias, conciliando, ainda,

sustentabilidade ambiental, tecnologia e inovação, como descreve o pesquisador do Instituto João Paulo Borges Pedro. "Ainda não existe no estado do Amazonas uma estrutura flutuante que permita abater jacarés e que contemple as exigências legais e sanitárias. Além disso, a estrutura flutuante é inovadora porque permitirá que o abate de jacarés, seguindo os protocolos de manejo, seja realizado na área da comunidade, próximo aos locais de captura, reduzindo, assim, o esforço dos comunitários envolvidos com o processo", comentou.

A estrutura está sendo construída no município de Tefé (AM), com envolvimento de técnicos e pesquisadores do Instituto, que atua como uma unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC). Será uma estrutura flutuante de metal, de 112m², com tecnologias adaptadas para geração de energia e tratamento de água e resíduos. A ação é financiada pela *Gordon And Betty Moore Foundation*.

Toda a energia utilizada para o funcionamento dos equipamentos e das tecnologias da Plantar será gerada por meio de um sistema de energia solar fotovoltaica, escolha para evitar o emprego de combustíveis fósseis e o lançamento de gases nocivos à atmosfera. A água utilizada durante o manejo será obtida por um sistema de captação e tratamento de água de chuva. O projeto também conta com a instalação de um sistema de tratamento de efluentes – para que a água suja, gerada durante o processo produtivo, seja tratada antes de ser devolvida ao rio - e também de um sistema de armazenamento de resíduos sólidos.

© João Paulo Borges Pedro




**A imagem demonstra o modelo Plantar, como está planejado pela equipe de técnicos e pesquisadores.**

## Manejo

Robinson Botero Arias, pesquisador do Instituto Mamirauá, reforça que as pesquisas científicas já demonstraram que o manejo de jacarés é viável na região. De acordo com o pesquisador, são dois locais com informações científicas de longo prazo, no estado do Amazonas, sobre o status das populações de jacarés: a Reserva Mamirauá e a Reserva Piagaçu-Purus. Os resultados dão suporte científico para a instalação de um sistema participativo de manejo de jacarés pelas comunidades locais. O pesquisador enfatiza que os dados são "a base para a implementação e o acompanhamento do uso de jacarés dentro dos preceitos de manejo participativo, no qual o monitoramento é componente fundamental para entender o efeito sobre as populações naturais, após as extrações, e garantir, assim, a sustentabilidade ecológica".

# PELOS MANGUEZAIS DO PARÁ

**Texto: Eunice Venturi | Fotos: Fernando Sette**

Com apoio do Instituto Mamirauá, Secretaria Estadual de Desenvolvimento Agropecuário e de Pesca (Sedap-PA) capacita técnicos da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará (Emater) para disseminarem o método de transporte sustentável de caranguejos.

O município de São João da Ponta, onde foi realizado o curso, tem aproximadamente seis mil habitantes

Na imagem, a pescadora e uma das instrutoras do "1º Curso de Boas Práticas sobre o manejo do caranguejo-uçá: o método de embalagem para o transporte sustentável", Raimunda Santarosa, exibe o pescado do dia: o caranguejo-uçá.

"Somos metade gente, outra de caranguejo. Seguindo na corrente de um desejo. Nas nossas veias, flui o sangue, das benditas ceias, vindas dos belos mangues". Bastou um trecho da poesia "Ofício de Pescar", de Valdemar Vergara Filho, para sentir o que estava por vir: muito ensinamento, troca de conhecimento, música, dança e poesia. Foi assim durante os seis dias do "1º Curso de Boas Práticas sobre o manejo do caranguejo-uçá: o método de embalagem para o transporte sustentável", realizado em São João da Ponta (PA), de 22 a 27 de outubro.

Promovido pela Sedap-PA e pelo Instituto Mamirauá, unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), com financiamento da *Gordon And Betty Moore Foundation*, o curso reuniu técnicos da Emater e pescadores tradicionais. "Esse é um curso que destaca três pilares: o da justiça, que é trazer o pescador para o palco; o de reconhecer o saber tradicional; e o de desenvolver ciência com consciência", explicou o sociólogo Patrick Passos, técnico da Sedap-PA.

## O Manguezal

**O QUE É?**
ECOSSISTEMA COSTEIRO DE TRANSIÇÃO ENTRE A TERRA E O MAR.

**E O MANGUE?**
SÃO AS PLANTAS QUE COMPÕEM O MANGUEZAL.

**QUAIS OS TIPOS DE MANGUE?**
SÃO TRÊS AS PRINCIPAIS ESPÉCIES: MANGUE VERMELHO, MANGUE PRETO E MANGUE BRANCO.

**E A FAUNA DO MANGUEZAL?**
BEM DIVERSIFICADA TENDO MOLUSCOS, CRUSTÁCEOS, INSETOS, ANFÍBIOS, RÉPTEIS, AVES, DENTRE OUTROS.

Fonte: *https://www.infoescola.com/geografia/mangues-manguezal*

Segundo o sociólogo, é preciso um olhar de sustentabilidade para o manguezal, pois há muitos pescadores nesse ambiente: "Só no Pará, hoje, pescadores artesanais de caranguejo estão entre 25 e 30 mil pessoas indo ao manguezal todos os dias, que vivem de caranguejo direta ou indiretamente". Além de um alto número de pescadores, o manguezal no Pará tem vários impactos: "A gente tem apropriação de terrenos de populações tradicionais para a criação de grandes condomínios, a produção intensiva de organismos aquáticos de uma forma que não dialoga com as populações tradicionais e não dialoga com o manguezal", apontou Passos.

Como prática de uma pesca tradicional, o ofício de pescador passa de geração para geração. É o caso dos pescadores Adinaldo Moura Chagas e João de Lima Coelho. Eles aprenderam com os pais e agora ensinam aos filhos. "Eu comecei a pescar com seis anos, meu pai foi ensinando e eu, aprendendo. O mangue é bonito, como vocês estão vendo aí. É uma floresta linda. Então, essa é a nossa luta. Estou satisfeito, graças a Deus!", disse Adinaldo. Os dois pescadores esperam pela compra de um caminhão para apoiar o transporte do caranguejo para Belém a fim de melhorar a comercialização.

"Para nós, o que falta é um transporte para escoar a nossa produção. Sair daqui direto do pescador para o consumidor e não passar pelo atravessador, porque, aí, você já leva o seu produto e já tem como ganhar um dinheiro a mais. Então, o consumidor lá em Belém vai pegar um produto de qualidade e saudável, porque o caranguejo que passa pela mão do atravessador não passa só por um, ele passa por um, por dois, até por três", afirmou João de Lima.

O pescador João de Lima Coelho foi um dos palestrantes da capacitação

Caranguejo-uçá

## A espécie

**NOME CIENTÍFICO:**
*UCIDES CORDATUS* (LINNAEUS, 1763)

**NOME POPULAR:**
CARANGUEJO-UÇÁ

**PESO EM MÉDIA PARA MACHOS:**
87G

**PESO EM MÉDIA PARA FÊMEAS:**
72,5G

**TAMANHO DO INDIVÍDUO ADULTO (BIOLOGIA):**
3,0CM

**TAMANHO PARA COMERCIALIZAÇÃO (LEGISLAÇÃO FEDERAL):**
6,0CM

**TAMANHO PARA COMERCIALIZAÇÃO (LEGISLAÇÃO DO PARÁ):**
7,0CM

Fonte: *Manejo do caranguejo-uçá: o método de embalagem para o transporte sustentável*

## O curso

Realizado entre os dias 22 e 27 de outubro, no município de São João da Ponta, o curso foi quase totalmente ministrado por pescadores e pescadoras extrativistas. Eles levaram sua experiência com o manejo do caranguejo para técnicos da Emater. "A gente está fazendo um curso novo, no qual o pescador é a grande atração", disse Patrick Passos.

Segundo Valdemar Vergara Filho, analista ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), foi um processo de construção participativa para viabilizar o curso: "É uma parceria com várias instituições para que esses comunitários mostrem seus conhecimentos. É estratégico estabelecer parcerias, mas mais estratégica é a natureza das parcerias. Os parceiros são bem-vindos para somar ao processo de gestão participativa".

Para Leonardo Miranda, técnico da Emater, a capacitação vai auxiliar nas tarefas diárias: "O curso traz a oportunidade de nós aprendermos de uma forma mais profunda a questão de caracterizar a atividade, perceber realmente quem é a pessoa que trabalha na retirada do caranguejo, na sua pesca. Futuramente, talvez, haverá políticas públicas que vão exigir da gente fazer alguns tipos de cadastros que possam caracterizar esses indivíduos. Com o curso, nós teremos habilidade suficiente para poder dizer: eu, como técnico, sei de fato e de direito como caracterizar esse tipo de extrativista, de pescador".

**Para finalizar o evento, muita cultura paraense: caranguejada e carimbó**

# Desvendando a biodiversidade das unidades de conservação da Amazônia

**Por João Cunha**

Nas unidades conservação, o passado, o presente e o futuro da Amazônia se misturam em uma combinação que ainda é um mistério para a ciência, tamanha a grandiosidade. Aos poucos, os pesquisadores vão diminuindo as fronteiras do desconhecido com expedições científicas.

Entre maio e junho, uma equipe do Instituto Mamirauá percorreu por água e terra uma parte dos mais de 800 mil hectares da Estação Ecológica Juami-Japurá, estado do Amazonas. A missão dos pesquisadores foi fazer o inventário de espécies de fauna e investigar a história de ocupação humana na região.

De volta da expedição, que é uma parceria com o Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio), conversamos com o diretor técnico-científico do Instituto Mamirauá e um dos membros da tripulação, João Valsecchi.

O diretor técnico-científico do Instituto Mamirauá, João Valsecchi (à direita) e a pesquisadora Louise Maranhão em recente expedição científica pelo Amazonas

**O Macaqueiro: Como surgiram as expedições científicas em parceria com o ICMBio? Qual o objetivo geral delas?**

Cinco anos atrás, fechamos um Termo de Reciprocidade com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, e a ideia é que o Instituto Mamirauá apoie a gestão das unidades de conservação realizando pesquisas e extensão, basicamente. É importante para a gestão, para conhecer e proteger a biodiversidade dessas áreas e, depois, gerar medidas de conservação das espécies.

**O Macaqueiro: O que os pesquisadores fizeram na expedição à Estação Juami-Japurá?**

Trabalhamos com mamíferos de pequeno e médio porte terrestres, mamíferos voadores (os morcegos), e a equipe de arqueologia fez o primeiro levantamento de sítios arqueológicos na região.

**O Macaqueiro: O que você pode dizer dos resultados das expedições até agora?**

A diversidade que estamos encontrando é incrível! Em praticamente todos os grupos inventariados, temos novas ocorrências de espécies para a Amazônia brasileira. Temos três novas espécies de peixes, provavelmente também teremos espécies novas de pequenos mamíferos. Muita coisa nova.

**O Macaqueiro: Depois das expedições científicas, qual o destino do material coletado?**

O material das últimas três expedições está sendo analisado com recursos da *Gordon And Betty Moore Foundation*. Grande parte desse conteúdo está sendo depositada na coleção biológica do Instituto Mamirauá, mas uma parte também é enviada para as grandes coleções regionais, como a do Museu Paraense Emílio Goeldi. Como o material está sendo catalogado e identificado, ainda não foram lançadas as publicações. Mas já fizemos listas prévias de levantamento da fauna. O material já foi enviado para o ICMBio e está em uso do órgão para a gestão das unidades de conservação do estado do Amazonas.

A expedição ao mangal teve atoleiro até o joelho; nem bota escapou da lama; mas na volta, além da lama, os participantes trouxeram muito conhecimento na bagagem

© Fernando Sette

# Tem lama no campo

**Por Eunice Venturi**

"Quem está na chuva é para se molhar", ou melhor, "quem está no mangue é para se sujar". O trocadilho foi feito ao final da expedição no manguezal durante o "1º Curso de Boas Práticas sobre o Manejo de Caranguejo-uçá: o método de embalagem para o transporte sustentável", promovido pela Secretaria Estadual de Desenvolvimento Agropecuário e de Pesca (Sedap-PA) e pelo Instituto Mamirauá, entre os dias 22 e 27 de outubro, em São João da Ponta (PA).

Como parte da programação, o segundo dia de atividades teve uma ida ao manguezal. Um grupo de cerca de 20 pessoas acordou cedo, e o café da manhã, na sede da Associação da Reserva Extrativista de São João da Ponta, foi às 6h30. Uma hora depois já estavam todos no trapiche do município esperando por um barco e uma canoa rabeta com destino ao mangal (como os moradores locais chamam o manguezal).

Os participantes do curso foram guiados pelos pescadores de caranguejo João de Lima Coelho, Adinaldo Moura Chagas e Raimunda Santarosa Moura. Já na chegada, o desafio foi encontrar o melhor porto seguro para alcançar as áreas onde estão os caranguejos. A lama é inevitável, e alguns atolaram mais, outros menos. Depois que a quinta pessoa subiu, encontrou-se um lugar mais "firme".

Entre a saída do trapiche da cidade e a chegada ao manguezal, passou-se uma hora até que todo mundo estivesse no ambiente mais propício para a aula prática. Seu João Lima foi o primeiro pescador a palestrar. Começou falando sobre o ambiente e a rotina dos pescadores. Por último, os técnicos da Emater prepararam as armadilhas de laço utilizadas para capturar os caranguejos. No retorno para a cidade, não faltou o banho no rio, uns para se livrarem da lama, outros para se refrescarem pelo dia quente.

# Cultivando memórias

**Texto: Amanda Lelis | Fotos: Bianca Lima**

A fumaça cobre o ambiente. Uma mulher movimenta a farinha de um lado ao outro, criando lacunas no amarelo intenso que recobre o forno de ferro. Com a pá de madeira, a farinha é lançada ao alto e retorna ao forno, parecendo dançar, acompanhando a destreza da mulher que maneja o alimento. As casas de farinha são tradicionais na região Norte do Brasil. Quem vive no local facilmente encontra os agricultores familiares pelas feiras comercializando macaxeira, farinha de mandioca e outros produtos dos sítios e roças.

Nas comunidades da Reserva Amanã e da Reserva Mamirauá, a agricultura é uma das atividades praticadas pelas populações e tem papel importante como complemento de renda para as famílias, como explicou Isabel Soares de Sousa, diretora de Manejo e Desenvolvimento do Instituto Mamirauá. "Quando foi feito o levantamento socioeconômico, nos primeiros anos de atuação do Instituto, foi identificado que a agricultura tinha um grande potencial de geração de renda para as famílias", comentou.

Isabel destacou que a atividade não é praticada há tanto tempo por algumas das famílias que habitam as reservas atualmente, como é o caso das populações que residem nas comunidades ao longo do Lago Amanã. "O histórico dessa população é de extrativismo, são remanescentes de nordestinos que vieram para Amazônia para coletar seringa. E, depois, com a decadência do mercado da seringa, eles foram se dedicar a outras atividades. Então, a agricultura não é uma prática tão antiga para a comunidade. Os indígenas já faziam há muito tempo, mas essa população não", disse.

A atuação do Instituto Mamirauá na região colaborou para o conhecimento científico sobre as práticas econômicas das populações locais, assim como para o apoio aos agricultores familiares por meio da assessoria técnica. "A contribuição do Instituto foi com pesquisa e incentivo à implementação de sistemas agroflorestais. Praticamente todas as famílias cultivam roças de mandioca, mas foram incentivadas, também, a enriquecer as capoeiras e as roças com outras espécies de frutíferas e leguminosas. Acho que isso deu uma diversificação tanto para alimentação como para a venda", afirmou Isabel.

Revirando os álbuns de fotos do Instituto, redescobrimos fotografias do antigo Programa de Agricultura Familiar, hoje chamado de Programa de Manejo de Agroecossistemas. As imagens são de Bianca Lima, que foi colaboradora do Instituto entre 2003 e 2006. "Essa foi a primeira experiência profissional que tive após formar em engenharia florestal e também minha primeira inserção na Amazônia brasileira. Trabalhar no antigo Programa de Agricultura Familiar do Instituto contribuiu para meu entendimento sobre a dinâmica dos agroecossistemas na várzea e na terra firme e me ajudou a pensar formas de sustentabilidade econômica, por meio de agregação de valor nas diferentes cadeias de produção, para as famílias agricultoras", comentou.

Veja, nas imagens, moradores da região e equipe do Instituto Mamirauá durante as atividades.

FOTOGRAFIA

O manguezal é um Ecossistema costeiro de transição entre a terra e o mar.

© Fernando Sette

**Curta o Instituto Mamirauá nas redes sociais:**
| InstitutoMamiraua

**Endereço para devolução:** Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá
Estrada do Bexiga, 2.584 | Bairro Fonte Boa | Cx. Postal 38 69.553-225 | Tefé (AM)

GORDON AND BETTY MOORE FOUNDATION

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES

BRASIL GOVERNO FEDERAL